

## IGREJA EMERGENTE, A IGREJA DO PÓS-MODERNISMO? UMA AVALIAÇÃO PROVISÓRIA

*Mauro Meister\**

### RESUMO

Este artigo procura fazer uma análise preliminar do movimento denominado “igreja emergente” e identificar quais são as principais influências que recebeu. Ainda que seja difícil definir o movimento, por causa de suas características pós-modernas, essa é a primeira proposta do artigo. Após uma definição preliminar, o autor apresenta a origem e representatividade do movimento, além de suas principais características, analisando a sua filosofia pelos olhos dos seus principais proponentes. As características mais destacadas do movimento resumem-se em suas atitudes de pluralismo e protesto, demonstradas através de sua definição missional, uso da linguagem, expressão de culto e pregação.

### PALAVRAS-CHAVE

Igreja emergente; Pós-modernismo; Metanarrativa; Pluralismo; Cultura; Inclusivismo; Missional; Contemplativo; Paganismo.

### INTRODUÇÃO

Há alguns meses, se eu ouvisse a expressão “igreja emergente” certamente pensaria que se tratava de algum estudo sobre a igreja neotestamentária nos primeiros séculos da era cristã. Hoje, depois de pensar que estive fechado em um quarto sem receber notícias do mundo por vários anos, sei que a *igreja emergente* é um movimento em expansão dentro da igreja evangélica nas duas últimas décadas. O chamado movimento da *igreja emergente* já tem até

---

\* O autor é doutor em Literatura Semítica pela Universidade de Stellenbosch, África do Sul, coordenador do curso de Mestrado em Divindade (M.Div.) no CPAJ e um dos pastores da Igreja Presbiteriana da Lapa, em São Paulo.

mesmo uma associação brasileira, fundada informalmente em janeiro de 2006, nos seguintes termos:

Convenção Brasileira de Igrejas Emergentes: Foi iniciada no dia 2 de janeiro de 2006, com apoio da Emergent Village dos EUA, a Convenção Brasileira de Igrejas Emergentes, com o propósito de apoiar pessoas que desejam iniciar novas Igrejas no Brasil, proporcionar contatos de líderes brasileiros com líderes americanos e fornecer material para pessoas interessadas em Igrejas Emergentes. Após o resultado de pesquisas feitas no Brasil, foi possível detectar algumas pessoas que já estão a par do assunto e ansiosas para iniciarem uma Igreja Emergente. Com isso a nossa Convenção deseja contatar com algumas delas para começar uma conversação sobre o assunto e proporcionar apoio para as mesmas. Se você deseja nos apoiar e ser apoiado, entre em contato conosco: igrejaemergente@hotmail.com.<sup>1</sup>

Já se encontra disponível uma bibliografia relativamente extensa sobre o assunto,<sup>2</sup> especialmente em inglês, e também alguns poucos artigos em periódicos teológicos. Existe um notável interesse por parte de estudiosos quanto ao movimento, analisando-o e buscando as pontes para uma aproximação.<sup>3</sup> Provavelmente a obra mais completa sobre o assunto foi publicada por dois professores do Fuller Theological Seminary, Eddie Gibbs e Ryan Bolger, sob o título *Emerging Churches*, um projeto de pesquisa que durou cinco anos e abrange os Estados Unidos da América e o Reino Unido.<sup>4</sup> Os autores reconhecem que o movimento extrapola a área geográfica a que dedicaram a pesquisa e admitem que não teriam como realizar uma pesquisa mais extensa do que a apresentada. Sua abordagem do movimento é simpática e positiva. Já D. A. Carson, em seu texto *Becoming Conversant with the Emerging Church: Understanding a Movement and its Implications*, tem uma abordagem mais cautelosa, apontando alguns pontos positivos e tecendo longos comentários sobre os perigos que o movimento representa para a fé cristã bíblica. A pesquisa de Carson, ao contrário da realizada por Bolger e Gibbs, é bibliográfica e concentra-se de modo especial no aspecto filosófico do movimento.

<sup>1</sup> [http://igrejaemergente.blogspot.com/2006\\_01\\_01\\_igrejaemergente\\_archive.html](http://igrejaemergente.blogspot.com/2006_01_01_igrejaemergente_archive.html). (acesso em 20 fev. 2006).

<sup>2</sup> KIMBALL, Dan. *The emerging church*. Grand Rapids: Zondervan, 2003; McLAREN, Brian. *A generous orthodoxy: why I am a missional, evangelical, post/protestant, liberal/conservative, mystical/poetic, biblical, charismatic/contemplative, fundamentalist/calvinist, anabaptist/anglican, methodist, catholic, green, incarnational, depressed-yet-hopeful, emergent, unfinished Christian*. Grand Rapids: Zondervan, 2004.

<sup>3</sup> CARSON, D. A. *Becoming conversant with the emerging church: understanding a movement and its implications*. Grand Rapids: Zondervan, 2005; WELLS, David F. *Above all earthly powers: Christ in a postmodern world*. Grand Rapids: Eerdmans, 2005.

<sup>4</sup> GIBBS, Eddie e BOLGER, Ryan. *Emerging churches: creating Christian community in post-modern cultures*. Grand Rapids: Baker Academics, 2005.

A intenção deste artigo é: (1) entender, ainda que de maneira introdutória, o movimento da *igreja emergente* a partir da bibliografia sobre o assunto e (2) avaliar a influência desse movimento e seus princípios no contexto brasileiro.

## 1. DEFINIÇÃO

Por ser um movimento característico da pós-modernidade, a *igreja emergente* é difícil de ser definida e alguns autores até mesmo hesitam em dizer que ela pode ser caracterizada como um movimento.<sup>5</sup> Os próprios envolvidos preferem se caracterizar como uma “conversação” emergente. Há que se lembrar que o pós-modernismo é caracterizado pela negação da possibilidade de qualquer metanarrativa abrangente.<sup>6</sup> No ambiente pós-moderno o pluralismo relativista domina o cenário das idéias, negando a possibilidade de um único caminho,<sup>7</sup> a possibilidade de regras fixas.

As características de fluidez, imprecisão e falta de um padrão que possa abranger todas as comunidades que se reconhecem como emergentes tornam a tarefa da definição ainda mais difícil. Por outro lado, é impossível deixar de observar que um número cada vez maior de comunidades com origens dentro do cristianismo chamam a si mesmas de emergentes. Seguindo a tese de Carson – “sempre que surge um movimento cristão que se apresenta como reformista ele não deve ser sumariamente descartado”<sup>8</sup> –, faz-se necessário um esforço na busca de compreender o que caracteriza de fato esses movimentos emergentes.

No que diz respeito à história, Gibbs e Bolger afirmam que o termo *igreja emergente* foi usado pela primeira vez por Karen Ward (Igreja dos Apóstolos, Seattle), quando ela criou um site na Internet denominado *EmergingChurch.org*.<sup>9</sup> Segundo os autores, não havia qualquer intenção de se criar um movimento

<sup>5</sup> JOHNSON, Phil. *A critical look at the emerging church movement*. <http://emergentno.blogspot.com/2006/03/phil-johnson-critical-look-at-emerging.html> (acesso em 11 abr. 2006).

<sup>6</sup> Ver LYOTARD, François. *A condição pós-moderna*. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1998. Segundo GOUVÊA, Ricardo Quadros, “a desconstrução implica na subversão, na descentralização de qualquer origem perceptível de discursos autoritativos associados a ‘metanarrativas’, isto é, macroestruturas teóricas como, por exemplo, sistemas filosóficos ou teológicos. As metanarrativas são desconstruídas através de uma ‘arqueologia do conhecimento’ e de uma tipologia dos discursos... O posmodernismo rejeita e busca desconstruir qualquer noção de verdade que se proponha unitária, absoluta, universal, ou mesmo coerente”. A morte e a morte da modernidade: quão pós-moderno é o posmodernismo? *Fides Reformata* 1/2 (1996):59-70, p. 64.

<sup>7</sup> Segundo Gibbs e Bolger, a única metanarrativa viável é a *missio Dei*, que “redime nossa realidade material, dá boas-vindas ao estranho, compartilha generosamente, capacita, ouve, dá espaço e oferece a verdadeira liberdade”. *Emerging churches*, p. 46.

<sup>8</sup> CARSON, *Becoming conversant*, p. 10.

<sup>9</sup> GIBBS e BOLGER, *Emerging churches*, p. 30. Este site já não existe.

cristão com esse ato, mas foi assim que o nome terminou sendo empregado. A intenção de Ward era somente manifestar a sua inquietude e frustração com a igreja evangélica no início dos anos 90.

Já no final daquela década, Brian McLaren, um dos nomes mais reconhecidos dentro do movimento,<sup>10</sup> começou a usar o termo “emergente” em seus livros, especialmente quando escreveu *A Generous Orthodoxy*. Para McLaren era necessário que a igreja descobrisse e desenvolvesse uma ortodoxia diferente da ortodoxia praticada pela igreja evangélica durante o período do modernismo. Era necessário, segundo ele, desenvolver uma ortodoxia generosa em oposição à ortodoxia inflexível do período moderno. Ele afirma:

O significado de emergente é uma parte essencial do ecossistema da ortodoxia generosa... Pense em um corte transversal numa árvore. Cada anel representa, não a substituição dos anéis anteriores, não a sua rejeição, mas a sua adoção, a sua inclusão em algo maior.<sup>11</sup>

Segundo esse autor, a idéia de uma “ortodoxia generosa” seria a expressão mais abrangente do conceito de cristianismo, uma expressão inclusivista/pluralista, característica da pós-modernidade<sup>12</sup> e, portanto, um sistema cristão adaptado ao seu tempo.

Cabe destacar que a proposta de McLaren aponta para uma mudança profunda do que estava acontecendo até então no meio evangélico, o reflexo de uma nova mentalidade que está se consolidando na pós-modernidade. Ainda que se encontrassem grandes diferenças entre as comunidades cristãs no período moderno, as propostas do cristianismo evangélico das décadas de 80 e 90 do século passado eram basicamente diferenciadas pelas características daquela geração. Ainda que valores estéticos e teológicos fossem diferentes, havia a possibilidade de identificação pontual dessas diferenças, ou seja, o cerne ainda permanecia o mesmo. Essas diferenças se davam mais por estilo e estrutura teológica do que por uma abordagem filosófica da vida como um todo. Necessitando adaptar-se ao seu tempo, as igrejas consideradas evangélicas tinham confissões bíblicas diferentes e estilos de culto, música, pregação e eclesiologia que eram destinados a diferentes públicos, mas mantinham uma base comum. Nesse período formou-se a “igreja dentro da igreja”,<sup>13</sup> para satisfazer anseios de gerações diferentes, mas ainda era a mesma igreja. Várias

<sup>10</sup> CARSON, *Becoming conversant*, p. 35.

<sup>11</sup> McLAREN, *A generous orthodoxy*, p. 276s.

<sup>12</sup> Ver CAMPOS, Heber Carlos de. O pluralismo do pós-modernismo. *Fides Reformata* 2/1 (1997), p. 5-28.

<sup>13</sup> Esse modelo é comum no Brasil, onde vemos várias igrejas com cultos em separado e com estilos diferentes.

dessas comunidades passaram a enfatizar os ministérios para jovens adultos, a adotar estilos “com propósitos”, modelos de igreja em células e tantas outras propostas surgidas nesse tempo.<sup>14</sup>

No entanto, Dan Kimball defende que esses modelos tiveram um tempo curto de duração e tornavam-se rapidamente insatisfatórios.<sup>15</sup> Para ele, a igreja precisava aprender a falar uma linguagem totalmente nova, com o fim de alcançar a geração pós-moderna. Só uma mudança de estilos de culto não mais seria suficiente para alcançar a nova geração. Confirmando essa perspectiva, uma das obras de McLaren reivindica “um novo tipo de cristão”, o cristão pós-moderno.<sup>16</sup> Nesse livro, McLaren apela claramente aos cristãos a que abracem o pós-modernismo e se adaptem à maneira pós-moderna de pensar.<sup>17</sup> Dentro desse espírito, para alguém ser emergente ele deve negar, inclusive, a necessidade de uma declaração de fé e qualquer forma que sugira um dogma comum. No site *emergent-us*, um dos links na página inicial é “Declaração de Fé(?)”, onde Tony Jones, o coordenador nacional, explica que a idéia de ter uma declaração de fé é “trilhar uma estrada pela qual não queremos andar”.<sup>18</sup> Logo, estamos diante de algo que existe como um movimento, mas, ao mesmo tempo, pela sua fluidez de suas propostas, é essencialmente caracterizado pela ambigüidade.

Essa marca se evidencia claramente no livro de Kimball, *Emerging Church*, prefaciado tanto por Rick Warren quanto por Brian McLaren. Enquanto Warren, um líder do cristianismo reconhecidamente moderno, prefacia o livro apontando para a proposta de Kimball como um novo estilo que mantém a essência do que é ser igreja, segundo o seu conceito, culto, comunhão, discipulado, ministério e evangelismo, McLaren inicia a sua contribuição dizendo que “frequentemente trocamos um conjunto de estilos, métodos rígidos e tradicionais, e formas de pensar por outros ‘contemporâneos’ e igualmente rígidos”.<sup>19</sup> Segundo McLaren,

nossa compreensão do evangelho muda constantemente à medida que nos engajamos na missão em nosso mundo complexo e dinâmico, à medida que descobrimos que o evangelho tem um rico caleidoscópio de significados a oferecer, abrindo-nos camadas inexploradas de profundidade, revelando facetas não contadas de percepção e relevância.<sup>20</sup>

<sup>14</sup> De certa forma este modelo ainda prevalece entre a geração adulta evangélica no Brasil, ou seja, os modelos das igrejas de Rick Warren (Saddleback) e Bill Hybels (Willow Creek)

<sup>15</sup> Citado em GIBBS e BOLGER, *Emerging church*, p. 33.

<sup>16</sup> McLAREN, Brian. *A new kind of Christian*. San Francisco: Jossey-Bass, 2001.

<sup>17</sup> JOHNSON, Phil. *A critical look at the emerging church movement*.

<sup>18</sup> JONES, Tony. Doctrinal Statement(?). [http://emergent-us.typepad.com/emergentus/2006/05/doctrinal\\_state.html](http://emergent-us.typepad.com/emergentus/2006/05/doctrinal_state.html) (acesso em 8 maio 2006).

<sup>19</sup> McLaren, no prefácio a KIMBALL, *Emerging Church*, p. 9.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 9.

Dessa forma, a ambivalência do pensamento é prontamente aceita e até celebrada pelos líderes do movimento.

Um site emergente em português responde a pergunta “O que é igreja emergente?” da seguinte forma:

A igreja emergente é um movimento da igreja protestante, iniciado por americanos e ingleses, com a finalidade de alcançar a geração pós-moderna. Refletindo as necessidades e os valores percebidos desta geração, as igrejas emergentes enfatizam o autêntico, a expressão criativa e uma perspectiva sem julgamentos, procurando reavaliar as doutrinas (*ecclesia reformata, semper reformanda...*). Igreja emergente é simplesmente um termo usado para denominar as igrejas que nasceram ou que foram [re]estruturadas para um contexto pós-moderno, pós-cristão de ser igreja no mundo de hoje.<sup>21</sup>

Podemos então, provisoriamente, definir a *igreja emergente* como uma reação ao cristianismo do período moderno sob a pressuposição de que o cristianismo, como se desenvolveu no modernismo, tornou-se arcaico e irrelevante para a geração contemporânea. É um movimento de reação à igreja moderna. Pode-se dizer que o termo *igreja emergente* é

usado de maneira conveniente para descrever movimentos similares ou relacionados que surgiram na última década e que tendem a pensar em sintonia com as mudanças propostas pelo pós-modernismo dentro do campo das artes, da literatura e do discurso público.<sup>22</sup>

Positivamente, as comunidades emergentes são missionais<sup>23</sup> e buscam, basicamente, servir dentro de seu tempo e cultura.

Pesa contra a definição acima o fato de que alguns que se consideram emergentes facilmente podem tentar desautorizá-la, dizendo que são diferentes do proposto acima ou que líderes do movimento afirmam outra coisa. Pesa a favor da definição o fato de que uma caracterização plena é praticamente impossível à luz do que a própria “emergência” significa, ou seja, fluidez e até mesmo inconsistência lógica. Logo, expressões como “não somos assim” ou “esses pontos são questionáveis” serão comuns diante de qualquer tentativa de definição do movimento. Cabe salientar que o movimento possui manifestações desde as mais brandas até as mais radicais, ora lidando com um “formato” do cristianismo, ora lidando com a essência do cristianismo.

<sup>21</sup> [http://igrejaemergente.blogspot.com/2006\\_01\\_01\\_igrejaemergente\\_archive.html](http://igrejaemergente.blogspot.com/2006_01_01_igrejaemergente_archive.html). (acesso em 20 fev. 2006).

<sup>22</sup> Ver JOHNSON, *A critical look at the emerging church movement*.

<sup>23</sup> Termo usado para descrever a importância dada ao alcance evangelístico através do envolvimento na vida da comunidade e dos descrentes.

## 2. ORIGENS E REPRESENTATIVIDADE

A epistemologia da *igreja emergente*, ou seja, a forma como conhecemos as coisas, é essencialmente voltada para a experiência. Esse é um aspecto que, segundo Carson, contrasta com a epistemologia do período moderno, pois no pós-modernismo “muito do que ‘sabemos’ é moldado pela cultura na qual vivemos, é controlado pelas emoções, valores estéticos e herança”.<sup>24</sup> Esse conceito aplicado ao movimento do presente estudo implica que não é possível ser emergente ser ter uma experiência emergente. Logo, uma das tônicas do movimento é que antes de ser, primeiro é fundamental pertencer. A comunidade *projeto242*, existente no Brasil, traz a seguinte proposta comunitária: “Queremos oferecer às pessoas um local onde elas possam se sentir parte antes mesmo de acreditar”.<sup>25</sup> Essa abordagem pragmática, fundamentada na experiência, faz com que a análise do movimento apele para relatos pessoais de suas experiências emergentes.

Geograficamente o movimento teve origem no Reino Unido, ligado a uma cultura fundamentada na experiência, a cultura *clubber*. Essa cultura, na verdade uma subcultura, é caracterizada pela migração dos jovens suburbanos para o centro das cidades durante os fins de semana, buscando um significado tribal para a existência. Os ajuntamentos de jovens dentro dessa subcultura propiciaram o aparecimento de “tribos” cristãs<sup>26</sup> entre a população, e estes, por sua vez, produziram movimentos que, mais tarde, passariam a identificar-se como emergentes. Na Inglaterra, onde a expressão do cristianismo evangélico tradicional é muito pequena e a frequência à igreja está entre 2 e 3% da população,<sup>27</sup> a *igreja emergente* tornou-se rapidamente uma expressão importante.

A influência do movimento dentro da cultura norte-americana deu-se em um contexto bem diferente, ou seja, dentro do contexto de uma subcultura cristã já existente. Nos anos 80 desenvolviam-se no meio da igreja evangélica norte-americana as igrejas GEN-X, ou geração X, equivalente à geração “coca-cola”.<sup>28</sup> Esse movimento caracterizava-se por comunidades em que o

<sup>24</sup> CARSON, *Becoming conversant*, p. 27.

<sup>25</sup> Texto no site <http://www.projetoagape.org.br/home/projeto242.php>, seção “O que valorizamos”. Acesso em 8 abr. 2006.

<sup>26</sup> Esses clubes são caracterizados pelo uso de música eletrônica e alto consumo de álcool e comprimidos de ecstasy. Em suas expressões mais radicais, jovens entre 18 e 35 anos dançam ao som de música eletrônica durante horas, normalmente até o raiar do dia. Essa subcultura está em crescimento nos grandes centros urbanos brasileiros e alguns poucos trabalhos acadêmicos estão sendo produzidos sobre ela. No Brasil, os clubbers de periferia são chamados de cybermanos. A revista eletrônica *B\*Scene* apresenta parte do cenário dessa cultura no Brasil ([http://www.gardenal.org/bscene/musica/index\\_musica.htm](http://www.gardenal.org/bscene/musica/index_musica.htm)). Para outras definições, ver FEITOSA, Ricardo Augusto de Sabóia. *Perspectivas de abordagem sobre “autenticidade” e “originalidade” na cena de música eletrônica*. <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/seminario/ricardo.htm>. Acesso em 10 maio 2006.

<sup>27</sup> GIBBS e BOLGER, *Emerging church*, p. 24.

<sup>28</sup> A geração coca-cola é a geração tipicamente urbana e individualista, cantada por Renato Russo, líder do conjunto Legião Urbana.



culto oferecia música em alto volume, vida apaixonada, pregação informal, relacionamentos *friends* e mais adiante a presença de expressões artísticas no culto, inclusive cerimônias à luz de velas.<sup>29</sup> Todavia, esse formato de igreja e culto não se mostrou efetivo no alcance da geração pós-moderna. Para tanto, seria necessário um passo a mais.

Essa necessidade está, supostamente, sendo atendida mediante o surgimento das comunidades emergentes, cuja proposta é proporcionar um “retorno refrescante a um ministério focalizado em Jesus, essencialmente sagrado e voltado para a experiência de cada pessoa”.<sup>30</sup> Dessa forma, os líderes do movimento preferem divulgar as suas idéias através de histórias ou relatos pessoais, pois segundo eles essa foi uma marca fundamental do desenvolvimento do cristianismo. Normalmente a espiritualidade é abordada como uma caminhada ou viagem espiritual e na literatura as idéias são expressas pela boca de diferentes personagens e diálogos. O subtítulo do livro de McLaren, *A New Kind of Christian*, é “um conto de dois amigos em uma jornada espiritual”. Vários líderes preferem chamar o movimento de uma “conversação emergente”.

Um desses relatos típicos pode ser encontrado no testemunho de Dan Kimball, autor de *The Emerging Church*,<sup>31</sup> considerado um dos líderes do movimento. Kimball relata a sua luta em busca de respostas para o motivo pelo qual a igreja “seeker friendly” (ou seja, “adaptada ao usuário” ou “orientada para o consumidor”)<sup>32</sup> deixou de satisfazer e de ser efetiva para a geração nascida na pós-modernidade. Ele era pastor de uma igreja com características da geração X nos anos 80 e durante um bom tempo aplicou as técnicas e modelos de uma igreja tipicamente moderna. Cabe observar que ele obteve considerável sucesso naquela empreitada em termos de padrões numéricos. Normalmente essas igrejas eram fundadas e sustentadas por mega-igrejas e usadas como um braço para atender a demanda jovem. No entanto, Kimball começou a perceber que os programas e projetos que havia desenvolvido de modo eficaz durante algum tempo já não eram mais eficientes. Ele afirma ter observado que tanto o conteúdo quanto a forma de seus projetos não comunicavam muita coisa à geração jovem pós-moderna e isso fez com que ele se lançasse à busca de formas alternativas de ministério. Foi nesse contexto que ele fundou a Vintage Faith Community Church,<sup>33</sup> “desenhada” com o fim de

<sup>29</sup> Ver GIBBS e BOLGER, *Emerging church*, p. 30.

<sup>30</sup> Chamada de capa do livro de Kimball, *Emerging church*.

<sup>31</sup> Ver KIMBALL, *The emerging church*, principalmente o segundo capítulo: “How I moved from being seeker sensitive to post-seeker sensitive”, p. 31-38.

<sup>32</sup> Kimball fala da sua busca de metodologias para aplicação em seu pastorado desde o início dos anos 80 em igrejas como Willow Creek Community Church (Chicago) e Saddleback Church (Orange County, Califórnia), igrejas “com propósito”.

<sup>33</sup> O site da comunidade é <http://vintagechurch.org>. Por *vintage* entende-se algo raro, genuíno, de qualidade.



ser atraente para a geração pós-moderna, não só empregando estratégias, mas pensando de maneira pós-moderna. Os critérios de avaliação do sucesso dessa igreja emergente deixaram de ser numéricos e passaram a ser missionais, como será visto mais adiante.<sup>34</sup>

As expressões do movimento se desenvolvem de maneiras variadas. Mais recentemente, Brian McLaren abriu um site em que o nome *igreja* não está presente – *emergent-US* ([emergent-us.typepad.com](http://emergent-us.typepad.com)). Esse site tornou-se uma espécie de centro de comunicações e divulgação de eventos, palestras e mensagens do movimento. Ali são publicadas várias viagens nas quais os líderes emergentes, incluindo McLaren, têm andado por toda a Europa, Estados Unidos, Austrália e vários outros países divulgando as suas idéias. Anualmente, nos Estados Unidos, acontece a Convenção Nacional de Pastores, que reúne quase dois mil participantes. Um número significativo deles participam de uma linha do evento orientada para líderes que se consideram emergentes ou estão interessados nessas idéias.<sup>35</sup> Outro grande movimento ligado à *igreja emergente* e seus líderes é *Fusion Conference*, uma conferência específica para cristãos entre os 20 e 30 anos que ocorre em três estados norte-americanos diferentes e reúne mais de 1800 líderes e jovens sob o lema “fé + vida”.<sup>36</sup> Tendo idéia da origem e representatividade do movimento, há que se observar suas características.

### 3. PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

Carson afirma que a *igreja emergente* é essencialmente um movimento “de dentro” e se opõe à igreja evangélica tradicional característica das últimas décadas do século 20. Na visão dos líderes emergentes aquela forma de ser igreja é cativa dos conceitos do absolutismo da era moderna e o movimento emergente veio trazer a liberdade necessária para um cristianismo relevante na pós-modernidade.<sup>37</sup> Logo, uma das marcas principais do pensamento emergente é a aversão ao absolutismo, ou seja, a forma de pensar do modernismo, que admite o conceito de verdade absoluta com bases fundacionalistas. Consequentemente, esse movimento apresenta uma série de características comuns, algumas das quais são relacionadas abaixo.

<sup>34</sup> Ver, Kimball, *Emerging church*, p. 15.

<sup>35</sup> Ver o site <http://www.nationalpastorsconvention.com/content.aspx?sp=emergent>. Alguns dos temas tratados na convenção de 2006 foram: “Desenhando reuniões de culto emergente” (Dan Kimball); “Igreja reimaginada: a formação espiritual do povo em comunidades de fé” (Doug Pagitt); “Proibida a entrada de perfeitos: criando uma cultura do ‘Venha como estás’ na sua igreja” (John Burke); “Uma introdução ao pós-modernismo” (Tony Jones); “Nova teologia para um novo mundo” (Doug Pagitt e Tony Jones); “O caminho sagrado: práticas espirituais antigas para vida e ministério” (Tony Jones, atualmente o coordenador nacional do Emergent-US).

<sup>36</sup> <http://www.fusionconferences.com/default.aspx>.

<sup>37</sup> CARSON, *Becoming conversant*, p. 28-29.

### 3.1 *Pluralismo*

Como foi dito anteriormente, a questão central nesta discussão envolve categorias epistemológicas. A proposta emergente enfatiza os sentimentos e afeições sobre o pensamento linear e a racionalidade; a experiência em contraposição à verdade; a inclusão ao invés da exclusão; a participação em contrapartida ao individualismo. Essas seriam as bases para afastar a crença cristã na verdade “absoluta” e levar à autenticidade, ao “novo tipo de cristão”, pregado por McLaren. Assim, a característica dominante da igreja emergente é a não afirmação de absolutos e a aceitação das diferenças, a saber, a marca fundamental do pluralismo pós-moderno.

Grande parte das obras escritas pelos líderes emergentes demonstra o tipo de pluralismo desejado. O subtítulo do livro de McLaren, *A Generous Orthodoxy*, revela o espírito que projeta a sua teologia:

Por que sou um cristão missional, evangélico, pós-protestante, liberal-conservador, místico-poético, bíblico, carismático-contemplativo, fundamentalista-calvinista, anabatista-anglicano, metodista, católico, verde, encarnacional, deprimido-mas-esperançoso, emergente e inacabado.

Cada uma dessas expressões transforma-se em título de um dos capítulos do livro de McLaren, no qual ele aplica as categorias do que chama de “pensamento emergente”. Segundo ele, o relativismo e o pluralismo filosófico não permitem que o cristão permaneça fiel à Escritura. Por outro lado, o pensamento moderno está morto e as críticas ao absolutismo modernista são muito fortes, sem possibilidade de serem combatidas. A única saída, segundo ele, é o pensamento emergente da ortodoxia generosa, como citado anteriormente: “Pense em um corte transversal numa árvore. Cada anel representa, não a substituição dos anéis anteriores, não a sua rejeição, mas a sua adoção, a sua inclusão em algo maior”.<sup>38</sup>

Nesse sentido, no pensamento emergente nunca se chega a um ponto final, mas emerge-se em algo novo, sempre plural, sempre inclusivo. Simon Hall, líder da comunidade *Revive*, em Leeds, Reino Unido, afirma:

Meu alvo para a comunidade não é ser “pós” tudo. Nós somos evangélicos e carismáticos e liberais e ortodoxos e contemplativos e ligados à justiça social e ao culto alternativo.<sup>39</sup>

Essa postura ilustra claramente o tipo de pluralismo almejado nessas comunidades.

<sup>38</sup> McLAREN, *A generous orthodoxy*, p. 276-277.

<sup>39</sup> Entrevista citada em GIBBS e BOLGER, *Emerging churches*, p. 38-39.

### 3.2 *Protesto*

A marca do pluralismo leva o movimento emergente a uma posição de protesto. Praticamente toda a sua liderança vem de dentro da base do cristianismo evangélico tradicional e fundamentalista e manifesta o seu descontentamento com a instituição de origem. Da mesma forma como vimos a respeito de Kimball e sua percepção descontente com a igreja tradicional, Mike Yaconelli editou *Stories of Emergence: Moving from Absolute to Authentic* (Histórias de emergência: movendo-se do absoluto para o autêntico).<sup>40</sup> No livro encontram-se narrativas de vários líderes emergentes que possuem um tom semelhante: a autenticidade não estava presente na igreja. O próprio nome da igreja de Kimball reflete essa idéia, pois *Vintage* significa algo genuíno, de qualidade, em oposição à igreja “enlatada” e supostamente não genuína do século 20. Para McLaren o que os evangélicos precisam é do novo cristão, de uma nova forma de seguir a Jesus que emerge dos escombros do cristianismo dividido por lutas teológicas, da negligência das responsabilidades sociais e da tirania do capitalismo conservador da modernidade. Para ele,

Cada um desses novos desafios [da pós-modernidade] requer que os líderes cristãos criem novas formas, novos métodos, novas estruturas – e requer deles que encontrem novo conteúdo, novas idéias, novas verdades e novo significado que sustente os novos desafios. As novas mensagens não são incompatíveis com o evangelho do reino que Jesus ensinou. Não, elas são inerentes a ele, mas previamente eram não descobertas, não expressas, talvez não imaginadas.<sup>41</sup>

O conceito de uma cosmovisão integral com valores objetivos e absolutos é impossível de ser vivido de maneira coerente e relevante nos tempos da pós-modernidade. O protesto, então, é resultado da forma incoerente como vive o cristianismo que se diz bíblico. Esta inquietação é relatada quando McLaren diz que

Através desses anos [de ministério] um sentimento desconfortável começou a me mostrar que o retrato de Jesus que eu encontrei no Novo Testamento não se encaixava com a imagem do cristianismo projetada pelas instituições religiosas, tele-evangelistas carismáticos, representantes religiosos na mídia – e, às vezes, minha própria pregação.<sup>42</sup>

Carson expõe o protesto do movimento emergente em três frentes: protesto contra a igreja evangélica tradicional, contra a forma como interpreta

<sup>40</sup> YACONELLI, Mike (ed.). *Stories of emergence: moving from absolute to authentic*. Grand Rapids: Zondervan, 2003.

<sup>41</sup> McLAREN, *Generous orthodoxy*, p. 192-193.

<sup>42</sup> McLAREN, Brian. *The secret message of Jesus: uncovering the truth that could change everything*. Nashville: W Publishing Group, 2006.

o modernismo e contra a igreja “seeker-sensitive”.<sup>43</sup> Além dos três pontos observados por Carson, destaco o protesto contra os conceitos de autoridade e hierarquia. É comum encontrar nos relatos emergentes a noção de que as estruturas eclesiais do modernismo e suas hierarquias são antibíblicas. Em igrejas emergentes não se encontram pastores “efetivos” ou principais. Até mesmo na liderança do movimento encontra-se o constante debate. Quando Tony Jones foi apontado como diretor nacional do site *emergent-US*, houve grande debate e acusações de que o movimento estaria caminhando para aquilo que ele negava em sua essência: estruturas hierárquicas. Depois do debate o seu título foi mudado para “coordenador nacional” do movimento *emergent-US*.

Esse perfil de protesto marca o movimento como desconstrucionista. A igreja evangélica no final do século 20 precisa ser desconstruída para ser reconstruída, a começar dos conceitos de verdade absoluta que a mesma mantém.<sup>44</sup> Para Kimball a igreja vive um momento de transição entre o modernismo e pós-modernismo e isto exige que as bases do cristianismo moderno sejam realinhadas para a geração pós-moderna. O cristianismo do modernismo é fundamentado no monoteísmo racional e na religião proposicional, com uma sistemática local e uma verdade individualista. Já na era pós-moderna o cristianismo se fundamentará no pluralismo experimental, na narrativa mística, fluida, global, e na preferência comunal/tribal. Quanto mais as gerações se afastam do modernismo, menos terão condições de compreender as propostas do cristianismo daquela época.<sup>45</sup> Logo, afirmam Gibbs e Bolger:

As igrejas emergentes estão diante de uma tarefa formidável à medida que se esforçam para distinguir entre as partes da vida da igreja que tem as suas raízes na cultura moderna, a serem descartadas, e as partes que são evangelho e devem ser mantidas.<sup>46</sup>

Esse protesto soma-se ao protesto contra a teologia sistemática. Segundo McLaren:

As teologias sistemáticas são construções maravilhosas do fim do período medieval-moderno; para mim, são como as catedrais do tempo medieval. Embora poucos de nós adoremos em catedrais, nos as valorizamos e sabemos que deveriam ser preservadas pela sua beleza. A simetria intelectual e a grande estrutura das teologias sistemáticas igualmente deveriam ser preservadas e admiradas. Mas o meu palpite (e esperança) é que não vamos viver de teologia sistemática somente, no futuro, mas vamos aprender como habitar a história bíblica... e aplicá-la em nossas vidas.<sup>47</sup>

<sup>43</sup> CARSON, *Becoming conversant*, p. 36-41.

<sup>44</sup> *Ibid.*, p. 36. O desconstrucionismo é o método de pensamento da pós-modernidade, que sempre parte da hermenêutica da suspeita.

<sup>45</sup> KIMBALL, *Emerging church*, p. 58-61.

<sup>46</sup> GIBBS e BOLGER, *Emerging churches*, p. 88.

<sup>47</sup> McLaren, em comentário no livro de KIMBALL, *Emerging churches*, p. 177.

Logo, o protesto emerge em todas as frentes, desde as estruturas geradas pela teologia evangélica até a própria teologia *per se* e a base epistemológica sobre a qual ela está fundamentada.

### 3.3 *Missional*

O termo missional é freqüente na literatura emergente. Quase todas as descrições feitas do movimento também apontam para esta como outra de suas principais características. Nesse contexto, um dos conceitos básicos de “ser missional” é ser autêntico. Gibbs e Bolger descrevem as *igrejas emergentes* como

comunidades que praticam o caminho de Jesus dentro das culturas pós-modernas. Essa definição envolve nove práticas. Igrejas emergentes: (1) identificam-se com a vida de Jesus, (2) transformam o ambiente secular e (3) vivem vidas comunitárias intensas. Por causa dessas três atividades, elas: (4) acolhem os estranhos, (5) servem com generosidade, (6) participam como produtoras, (7) criam como seres criados, (8) lideram como um corpo e (9) tomam parte nas atividades espirituais.<sup>48</sup>

Na verdade, esse é um aspecto positivo do movimento, exatamente por demonstrar uma intensa preocupação com os incrédulos e uma considerável eficiência no alcance de não-cristãos. Por outro lado, as ênfases tendem a levar os grupos a uma relação extremamente horizontal, na qual a pregação do evangelho e a ação social, por exemplo, tornam-se indistintas e os discursos quase que se confundem, em nova embalagem, com os da teologia da libertação. Assim sendo, a ação social, como ato de amor, já é pregação e pode dispensar a proclamação. Gibbs e Bolger afirmam que a única metanarrativa viável é a *missio Dei*, que “redime a nossa realidade material, acolhe os estranhos, compartilha generosamente, capacita, ouve, dá espaço e oferece a verdadeira liberdade”.<sup>49</sup> Essa característica revelaria a natureza “encarnada” do cristianismo, da mesma forma que Jesus andou entre as pessoas pobres e rejeitadas e foi parte da sua transformação social.

Essa confusão pode também ser percebida nos escritos de McLaren. Para ele:

... a fé cristã missional afirma que Jesus não veio tornar algumas pessoas salvas e outras condenadas. Jesus não veio ajudar algumas pessoas a serem corretas enquanto deixa todas as demais erradas. Jesus não veio para criar outra religião exclusiva – o judaísmo estando exclusivamente baseado na genética e o cristianismo estando baseado exclusivamente na crença (o que pode ser um requisito mais difícil do que a genética).<sup>50</sup>

<sup>48</sup> GIBBS e BOLGER, *Emerging churches*, p. 44-45.

<sup>49</sup> *Emerging Churches*, p. 46.

<sup>50</sup> McLaren, *Generous orthodoxy*, p. 109-110.

Nesse sentido, ser missional é ser absolutamente inclusivista. A base bíblica usada pelo autor é o chamado de Abrão, quando Deus prometeu abençoá-lo e fazer dele uma bênção para todas as nações. Tomar esta bênção e enfatizá-la em detrimento da segunda parte (em ti serão abençoadas todas as nações da terra) é não ser missional, nem generoso e nem ortodoxo, ou seja, receber a bênção implica em distribuí-la generosamente a todos, sem exigir nada de volta.<sup>51</sup> A bênção, nesse sentido, não é simplesmente levar o evangelho de Cristo, mas agir como se todos os que estão à nossa volta já tivessem recebido a bênção. Em algumas dessas comunidades o princípio usado é de que nenhum aspecto das ações internas da comunidade deveria fazer com que um de seus membros tivesse vergonha de levar um amigo à reunião ou culto. Na igreja moderna a ordem seria crer e depois pertencer. No movimento emergente a idéia é primeiro pertencer e depois crer.

### 3.4 Linguagem, culto e pregação

Uma das características visíveis da *igreja emergente* está no seu uso da linguagem e na sua forma de manifestação de culto, que são prontamente observáveis nos sites e literatura. Kimball tem vários capítulos descritivos em seu livro e nesta seção utilizo bastante o seu material.

Um dos argumentos fundamentais é que a comunicação para a mente pós-moderna não pode acontecer de forma linear. Para a geração que cresce nos tempos contemporâneos a comunicação precisa acontecer em forma de rede, como um site na internet, onde as possibilidades de continuidade são inúmeras e, na verdade, ninguém sabe onde ela vai terminar. Uma das propostas fundamentais na comunicação emergente é a criação de um culto experimental e multi-sensorial, numa atmosfera trabalhada por luzes, velas, símbolos, mensagens multi-mídia, arte estática e em movimento, espontânea e participativa, dando sempre lugar à experiência. Isto seria uma reação ao culto na igreja moderna que coloca os adoradores mais como expectadores e que exige muito pouco envolvimento no ato de adoração. Na “Liquid Church” (Igreja líquida), por exemplo, o culto é descrito como “Intenso e apaixonado. Sonhador e reflexivo”.<sup>52</sup>

Os elementos de culto propostos por Kimball em *Emerging Church* parecem ser sérios e ponderados. Há um incentivo ao uso da música sem permitir que a letra seja esquecida, bem como as leituras bíblicas feitas antes dos cânticos, as ofertas, a Santa Ceia, a leitura de credos e a oração. Além do mais, um capítulo inteiro do livro é dedicado à forma da pregação.

Existem vários aspectos positivos nas declarações feitas por Kimball, como, por exemplo, o fato de que no ato de cantar não se deve ser apenas um

<sup>51</sup> Ibid., p. 110.

<sup>52</sup> Liquid Church, Our Worship. Em [http://liquidchurch.typepad.com/liquidchurch/06\\_our\\_worship\\_/index.html](http://liquidchurch.typepad.com/liquidchurch/06_our_worship_/index.html). Acesso em 7 abr. 2006.



observador, alheio ao que se está cantando. Em sua comunidade, os músicos costumam ficar ao fundo do auditório para não se tornarem o foco durante os cânticos e não darem a impressão de uma apresentação musical. Contudo, junto a tudo isto ocorrem várias práticas estranhas ao protestantismo histórico e que se associam mais ao catolicismo romano, algumas delas bem características do misticismo medieval e até pagãs. Um dos exemplos oferecidos pelo próprio autor do livro é a queima de incenso durante a experiência das ofertas, dando ao adorador a noção de que “as suas orações e ofertas estavam, na verdade, subindo a Deus como um aroma agradável”.<sup>53</sup>

Várias das *igrejas emergentes* encontradas na internet também possuem as suas estações de oração nas quais os participantes circulam, dando “passos de oração”. Segundo Kimball, em um dos programas de sua igreja as estações representavam cada uma das disciplinas ou aspectos de uma vida cristã sadia. Encontravam-se nelas objetos relacionados ao seu tema. Em uma das estações, descreve Kimball, colocaram uma cruz feita de espelhos onde cada um poderia contemplar-se na cruz e ter uma noção de como Cristo havia levado os pecados nela.<sup>54</sup> Todo o experimentalismo tem como objetivo atrair o jovem pós-moderno em busca de experiências sensoriais e levar-lhe a mensagem do evangelho. Todavia, Kimball adverte contra o perigo das experiências chamarem mais atenção para si mesmas do que para Jesus.

Existem, inclusive, sugestões de como o ambiente de culto pode ser preparado para oferecer uma atmosfera mais favorável ao culto multisensorial. Propõe-se a não linearidade dos assentos, mas a circularidade do ambiente e a presença de simbologia por todos os lados.<sup>55</sup> Dentro de todo este contexto encontramos muito da busca de uma “nova espiritualidade” mística. A prática da “oração contemplativa”, em que a união mística com Deus é buscada através da meditação com a repetição de mantras, é incentivada por ministérios que tem sido formadores dentro do movimento, especialmente o *Youth Specialties*, fundado por Mike Yaconelli, que promove retiros contemplativos para jovens.<sup>56</sup>

Lendo partes do capítulo sobre a pregação, poder-se-ia confundi-lo como o desafio de um pregador reformado que conclama ao retorno à pregação

<sup>53</sup> KIMBALL, *Emerging church*, p. 161.

<sup>54</sup> *Ibid.*, p. 168.

<sup>55</sup> *Ibid.*, p. 249. No final do livro o autor chega a propor um esboço de planta para reuniões emergentes.

<sup>56</sup> Ver os sites <http://www.youthspecialties.com> e a gama de eventos em <http://ymssp.org/events/index.html>. Os direitos sobre as publicações de Yaconelli e do Youth Specialties foram adquiridos recentemente pela Editora Zondervan. Sobre a “oração contemplativa”, sua história e prática, ver o site *Contemplative Outreach*, <http://www.centeringprayer.com/>. Ver o que é recomendado por PERSCHON, Mike, em *Contemplative Prayer Practices*, <http://www.youthspecialties.com/articles/topics/spirituality/contemplative.php> (acesso em 22 maio 2006). Entre as recomendações estão as práticas de respiração profunda, *Lectio Divina*, contemplação inaciana, labirintos, Taizé e Iona.

bíblica profunda. De fato, Kimball condena a superficialidade da pregação nas igrejas das últimas décadas e mostra a necessidade de voltar à exposição bíblica como forma de ensino para o povo de Deus. O problema aparece, no entanto, quando a proposta de pregação se volta para o estilo narrativo e são apresentadas as diferenças entre a pregação da igreja moderna e aquela a ser praticada na igreja emergente. Ele afirma que na igreja moderna o “sermão é o ponto focal do culto” enquanto que na igreja emergente “o sermão é uma parte da experiência do ajuntamento de culto”; “o pregador serve como um despenseiro das verdades bíblicas para ajudar a resolver problemas pessoais na vida moderna... [ele] ensina como a sabedoria antiga da Escritura se aplica à vivência do reino como um discípulo de Jesus”; “a mensagem bíblica é comunicada primariamente por palavras... [ela] é comunicada por um misto de palavras, elementos visuais, artes, silêncio, testemunho e história”.<sup>57</sup> Nesse sentido, a pregação no culto cristão deixa de ser uma exposição objetiva da verdade para ser a experiência individual de uma espiritualidade impossível de ser definida. O conteúdo da pregação emergente, para ser relevante, vê a Bíblia como “uma narrativa viva que ilumina a nossa história e não como uma verdade proposicional que deve ser observada”.<sup>58</sup>

#### 4. AVALIAÇÃO PRELIMINAR

Como foi proposto no início, este artigo tem somente a intenção de oferecer uma avaliação preliminar, tendo em vista que muito do que ainda vamos entender por *igreja emergente* está por vir. Do que até agora se configura como tal, podemos destacar pontos positivos e negativos do movimento.

A busca da comunicação efetiva dentro da cultura é, com certeza, um ponto que deve levar a igreja à reflexão, e nisto o movimento emergente nos chama a atenção. O perigo de tornar-se irrelevante é sempre presente para a igreja em qualquer tempo e, com certeza, a igreja de “nosso tempo” deixa de falar efetivamente em muitas situações, principalmente pelo medo de expor-se e viver no mundo. Conforme a oração do Senhor em João 17, não somos do mundo, mas vivemos nele e nele temos que pregar o evangelho de Cristo. Essa pregação precisa ser compreensível e relevante, e o uso de uma linguagem efetiva e compreensível ao homem dos dias de hoje é fundamental. O lado negativo desse aspecto, parece-me, é que o movimento emergente prega um tipo de “relevância a qualquer custo”. Para ser relevante, o movimento (ou aqueles que são reconhecidos como seus líderes) tem proposto a negação de fundamentos bíblicos essenciais, como a caracterização da verdade bíblica.

<sup>57</sup> KIMBALL, *Emerging churches*, p. 175.

<sup>58</sup> FROST, Pamela. *The emerging church – the invasion of mysticism*. Trabalho não publicado apresentado na conferência Christian Witness for a Pagan Planet (Testemunho cristão para um planeta pagão), janeiro de 2006, Escondido, Califórnia.

Alguns teólogos tem sido o referencial para o desenvolvimento desse tipo de pensamento, entre eles Stanley Grenz.<sup>59</sup>

Outro ponto importante é o desejo da chamada *igreja emergente* de ser missional. Se as comunidades emergentes tomarem o termo missional como o desejo de autenticidade, a negação da hipocrisia e do espírito farisaico e a vontade de não manter estruturas que facilitem esse estado de coisas, estarão, com certeza, mais próximas de apresentar o verdadeiro evangelho com impacto em meio à sua geração e cultura. Creio que algumas delas provavelmente o farão. O lado negativo, no entanto, está na adoção do conceito missional inclusivista. Essa proposta leva o movimento ao radicalismo do anti-radicalismo, a ponto de propor que a mensagem do evangelho de Cristo não é radical, do tipo “quem não é por mim é contra mim”, mas uma mensagem condescendente, receptiva de diferenças e não-condenatória. Afinal, nesse sistema de pensamento tudo o que se propõe como exclusivo é considerado preconceituoso.

Outro aspecto positivo do desejo missional é o envolvimento das comunidades com ações de caráter social que, de fato, ajudam e tocam as classes menos favorecidas da sociedade, buscando a erradicação da fome e da pobreza. Todavia, como todo envolvimento da igreja em causas sociais, as comunidades emergentes correm o risco de fazerem da causa social tanto o seu fim último como a sua motivação primeira.

Em que pesem os aspectos positivos do movimento, a sua fundamentação filosófico-teológica nos faz avaliar a sua proposta geral como mais negativa do que positiva. A adoção da mentalidade pós-modernista e do pluralismo da verdade nega, no seu cerne, a proposta bíblica e seus absolutos. Entre os pensadores emergentes está clara a proposta do pluralismo da verdade, no qual “o conhecimento não mais é visto como verdade absoluta; ao contrário, o conhecimento é visto em termos de reorganizar informações em novos paradigmas”.<sup>60</sup> A crença em absolutos não é um marco ou privilégio da igreja moderna, mas é fruto da revelação objetiva de Deus através dos séculos.

Outro grande perigo apresentado pelo movimento é a adoção de práticas pagãs na igreja. As práticas de meditação e contemplação propostas por muitos de seus líderes são contrárias aos ensinamentos da Escritura e se configuram como tentativas idólatras de alcançar a divindade. É preocupante ver os passos que estão sendo dados em nome de uma busca espiritual que desconsidera a Escritura como fonte de toda a verdade.

Pode a igreja viver assim? Não creio. Uma igreja em que o fundamento básico, a verdade, está solapado, não poderá sobreviver, porque necessariamente

<sup>59</sup> Ver, GRENZ, Stanley, *Renewing the center: evangelical theology in a post-theological era*. Grand Rapids: Baker, 2000. Outros teólogos que tem servido à proposta pós-moderna são Roger Olson, Nancey Murphy e John Franke.

<sup>60</sup> VEITH, Gene Edward Jr. *Tempos pós-modernos*. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 1999, p.42 e 50.

deixará de ser igreja. Portanto, a *igreja emergente*, seja como movimento ou como igreja, deve passar, assim como já passaram muitos outros movimentos contemporâneos que começaram como “a resposta” para os problemas da igreja. A negação aberta das características de autoridade, convicções e expressão doutrinal clara apontam para a direção oposta do que as Escrituras afirmam e a igreja experimentou e comprovou durante toda a sua história.

### **ABSTRACT**

This article attempts to make a preliminary analysis of the movement known as the “emergent church” and to identify the main influences it received. The first purpose of the article is to define the movement, however difficult this may seem due to its postmodern characteristics. After an initial definition, the author deals with the origins of the movement and its significance. He also addresses its main characteristics and analyzes its philosophy through the eyes of its main proponents. The most outstanding traits of the movement can be summarized in its attitudes of pluralism and protest as demonstrated by its mission definition, language, worship, and preaching.

### **KEYWORDS**

Emergent church; Postmodernism; Metanarrative; Pluralism; Culture; Inclusivism; Missional; Contemplative; Paganism.